

## **REMATE DE MALES**

Campinas-SP, v. 38 n. 1, pp. 462-465, jan./jun. 2018

---

### **JAMAL, ASHRAF; MOORTY, SHANTI (EDS.). INDIAN OCEAN STUDIES: CULTURAL, SOCIAL AND POLITICAL PERSPECTIVES. LONDON: ROUTLEDGE, 2009.**

**Marta Banasiak<sup>1</sup>**

**Resumo:** O volume de ensaios *Indian Ocean Studies: Cultural, Social, and Political Perspectives*, organizado por Shanti Moorthy e Ashraf Jamal, e publicado pela Routledge em 2010, é resultado de uma conferência realizada na University Malaya, em Kuala Lumpur. A obra propõe um olhar novo e refrescante (menos canônico) sobre a região do Oceano Índico, este território marítimo, até há pouco, academicamente negligenciado.

**Palavras-chave:** Jamal; Morty; Estudos do Oceano Índico.

As editoras do presente volume da revista *Remate de Males* lançaram um desafio – inédito nas letras brasileiras – de organizar um volume dedicado a uma área científica que, embora ainda pouco divulgada, desperta cada vez mais interesse entre os investigadores. No contexto dessa publicação, coube-me apresentar um título importantíssimo no âmbito dos estudos oceânicos, mais especificamente em estudos do Oceano Índico. Trata-se do volume de ensaios *Indian Ocean Studies: Cultural, Social, and Political Perspectives*, organizado por Shanti Moorthy e Ashraf Jamal, e publicado pela Routledge em 2009.

Esse conjunto de ensaios constitui-se num compêndio indispensável para quem quiser entender a complexidade e a importância/abrangência dessa área de estudo. Esse livro, que surge como resultado de uma conferência organizada pelos seus autores na University Malaya em Kuala

---

<sup>1</sup> Doutoranda da FLUL – Universidade de Lisboa/bolseira FCT, Portugal: banani58@hotmail.com.

Lumpur, propõe um olhar novo e refrescante (menos canónico) sobre este, até há pouco, academicamente negligenciado território marítimo. O volume abre com um prefácio da autoria do pioneiro dos estudos do Oceano Índico, Michael Pearson, ao qual se segue uma detalhada introdução da autoria dos editores. Contém dezasseis ensaios teóricos, um conto e um poema.

A primeira coisa que chama a atenção de qualquer leitor é a sua profunda interdisciplinaridade, anunciada aliás já no próprio título. Dessa forma, o volume reúne ensaios dedicados à história, antropologia (etnografia), geografia (ecologia), política e literatura. Essa abordagem interdisciplinar que se reflete na estrutura do livro encontra-se claramente sustentada, na especificidade da área de estudos e acaba por ultrapassar a abordagem teórica dos ensaios para chegar ao ponto focal composto pelo que os autores afirmam ser o objetivo principal do livro – a busca do fator humano enquanto elemento unificador. Esse “resgate”, que se manifesta como uma tarefa não só científica mas principalmente ético-política – ou, se quisermos, ideológica –, torna-se possível graças a uma cuidadosa e crítica escolha da base metodológica, de acordo, aliás, com o que se encontra anunciado na exaustiva introdução desse volume.

Assim sendo, os autores propõem uma reabilitação político-social de *area studies* que, numa certa sobreposição com a análise de sistemas-mundo, permite o surgimento da zona do Oceano Índico não como uma “área inter-regional”, como propunha Sugata Bose, mas como uma região em si; nas palavras dos editores, um “liminal space of hybrid evolution, an area whose boundaries are both movable and porous” (p. 4).<sup>2</sup> É de valorizar também o facto de o presente volume, em termos quantitativos, tratar com igualdade todas as zonas geográficas pertencentes às bacias do Índico, fazendo pontes entre a Ásia, a costa africana e a australiana, e suas relações com as ilhas.

Essa atitude holística de abrangência teórica perante o espaço do Índico espelha-se também, de certa forma, na organização dos ensaios na composição do livro: estes, em vez de serem divididos pelas respetivas disciplinas de análise, formam algo a que os autores chamam de “zonas de reflexão”, propondo dessa forma um olhar diferenciado/multifacetado sobre os determinados grupos de assuntos. Resulta dessa abordagem uma estrutura na qual, à exceção dos capítulos 15 e 16, que são os únicos que

---

2 “[...] espaço liminar de evolução híbrida, uma área onde as fronteiras são a um tempo móveis e porosas”.

focam um pequeno recorte territorial, nomeadamente a Ilha da Reunião, os restantes blocos temáticos se centram em assuntos mais abrangentes, tais como, por exemplo, a *desfetichização* do Índico, questões raciais, processos de crioulização, *mitologização* do Índico, eco-crítica etc. De grande interesse é também a abordagem temporal que se observa nos ensaios, mostrando uma visão globalizante que permite, através da reorientação dos significados e características temporais (p. 9), a elevação do Oceano Índico na totalidade da sua complexa estrutura dentro da história mundial – e dentro da sua própria história –, fazendo uma constante ponte entre o passado e o futuro.

Embora em cada um dos ensaios os autores façam o mapeamento do território do Índico de uma forma muito própria, as características principais mencionadas acima parecem tecer o fio condutor do volume; este, acaba por unir todos os ensaios, produzidos tanto por investigadores consagrados quanto por mais jovens, ainda no início das suas carreiras académicas.

Em jeito de degustação – visto que a própria ideia de resenha não permite apresentar textos particulares completos –, veja-se por exemplo o interessantíssimo ensaio de Shanti Moorthy, “Abdulzarak Gurnah and Littoral Cosmopolitanism” (pp. 73-102), em que a autora reflete sobre as representações das sociedades urbanas pré-modernas na costa africana do Índico, na obra do escritor tanzaniano Abdulzarak Gurnah. Construindo a base teórica para a sua análise através de nomes como Foucault e Derrida, mas também Appiah e Appadurai, a autora consegue mapear a complexa estrutura e as características do cosmopolitismo pré-moderno do Índico, bem como as suas diferenças perante a ideia de cosmopolitismo moderno, destacando o necessário afastamento tanto do reducionismo histórico relativo ao período colonial, quanto da atitude idílica do orientalismo. Dessa forma, comprova-se a importância da flexibilização da metodologia ocidental, perfeitamente expressa na afirmação inicial do livro: “Where methodology derives from the ‘West’, this is the West more portable and flexible than ever; we believe we are able to indigenize and particularize the methodology while subverting the prejudices” (p. 17).<sup>3</sup>

No contexto do universo ligado pela língua portuguesa, à qual pertencem vários territórios do Índico, esse tipo de estudo se mostra

---

<sup>3</sup> “Se é verdade que a metodologia vem do ‘Ocidente’, este é o Ocidente mais portátil e flexível jamais visto: acreditamos que somos capazes de indigenizar e particularizar a metodologia enquanto subvertemos os preconceitos.”

particularmente pertinente graças ao facto de apresentar uma visão nova, sobre um contexto mais amplo, em que este “primeiro oceano humano” está a ser aproximado como um território em si, partindo alguns laços e criando outros. Embora nenhum dos ensaios, incluídos no volume, trate diretamente das regiões ligadas com o mundo lusófono, julgamos que essa publicação se revela como leitura indispensável para qualquer investigador interessado nos estudos do Oceano Índico.